

DIREITOS HUMANOS E EXERCÍCIO DA RELIGIÃO. MUÇULMANOS NA TRÍPLICE FRONTEIRA: BRASIL – ARGENTINA – PARAGUAI

Human rights and religion practice. Muslims in the triple border: Brazil – Argentina – Paraguay

Aline Arruda□

Palavras-chave: Reafirmação de Identidades; Migrações Internacionais; Religião Muçulmana; Direitos Humanos

Toda pessoa tem o direito de liberdade de pensamento, de consciência e de religião. Este direito inclui a liberdade de ter uma religião ou qualquer convicção a sua escolha, assim como a liberdade de manifestar sua religião ou suas convicções individuais ou coletivamente, tanto em público como em privado, mediante o culto, a observância, a prática e o ensino.¹

O presente *paper* visa abordar a questão dos imigrantes de origem libanesa e seus descendentes, majoritariamente de religião muçulmana, residentes na região da tríplice fronteira: Brasil – Argentina – Paraguai. Dado que a proteção dos direitos humanos garante a todos a liberdade de manifestar sua religião ou suas convicções mediante o culto, a observância, a prática e o ensino, veremos como o exercício da fé muçulmana não apenas é possível e existente na região, como também é fator significativo para a reafirmação identitária e reconstrução de uma comunidade.

O número de árabes que habitam a região não é consensual, nem há dados exatos e confiáveis sobre isso. De acordo com alguns de meus

* Doutoranda em Ciências Sociais do Centro de Pesquisa e Pós Graduação sobre as Américas da UNB – Universidade de Brasília.

¹Artigo 1 da Declaração sobre a eliminação de todas as formas de intolerância e discriminação fundadas na religião ou nas convicções.

interlocutores² e com alguns jornais da região³, o número está em torno de 12.000 a 20.000 pessoas provenientes de países do Oriente Médio e seus descendentes. Dados do “Perfil da População de Foz do Iguaçu” de 2006⁴, fornecido pela Prefeitura Municipal, apresentam números acerca dos estrangeiros cadastrados e residentes na cidade. Eles demonstram que há 2.489 provenientes de países árabes, sendo a esmagadora maioria do Líbano, com 2.353.⁵ Estes últimos dados, porém, excluem a maior parte daqueles que se reconhecem e que são reconhecidos como “árabes”, ou até mesmo os que são nascidos no Oriente Médio e de fato possuem documentos de naturalizados.

No mundo de diversas religiões, dentre elas a islâmica, sempre houve cuidado e preocupação com a preservação da fé e dos costumes daqueles que migravam para localidades em que a religião não estava presente, era minoritária ou ainda pouco estruturada.⁶ Com a comunidade de imigrantes libaneses residentes na referida Tríplice Fronteira não foi diferente.

Desde o início da chegada dos primeiros mascates à região, na década de 1950, a manutenção do contato com o país de origem, bem como com outras comunidades muçulmanas em países diversos do Oriente Médio e o apoio para a construção de templos e solidificação da comunidade presente sempre foram constantes.

Em outras situações envolvendo migrantes muçulmanos a religião tem sido “uma estratégia para manutenção identitária”,⁷ apesar de nos primeiros anos dessa imigração isso não ter acontecido. Em Foz do Iguaçu, a religião certamente é assim usada. A Mesquita é evidente, inclusive, se destacando como ponto turístico, bem como os libaneses e

² Os dados apresentados neste *paper* foram colhidos em pesquisa de campo realizada na fronteira Foz do Iguaçu/*Ciudad del Este* entre agosto e setembro de 2006. Foram realizadas 21 entrevistas de cunho qualitativo com pessoas diversas da comunidade libanesa de religião muçulmana, além de pesquisa bibliográfica, consultas a periódicos e observação participante da autora.

³ O *Globo*. Disponível em: <http://oglobo.globo.com/mundo/mat/2006/08/17/285309299.asp>. Acesso em: 07/10/2006.

Gazeta do Povo. Disponível em: <http://canais.ondarpc.com.br/noticias/mundo/conteudo.phtml?id=583657>. Acesso em 07/10/2006.

⁴ Disponível em: <http://www2.fozdoiguacu.pr.gov.br/Portal/VisualizaObj.aspx?IDObj=113>. Acesso em: 04/10/2006.

⁵ Provenientes de outros países são: Argélia – 4; Iraque – 2; Jordânia – 45; Marrocos – 2; Palestina – 14; Paquistão – 8; República Árabe do Egito – 8; Síria – 53.

⁶ MARINUCCI, Roberto. “Religião, alteridade e migrações: a estrangeiridade como caminho de encontro”.

⁷ ESPINOLA, Cláudia Voigt. *O véu que (des)cobre: etnografia da comunidade árabe muçulmana em Florianópolis*.

outros árabes que se concentram em bairros de comércio e de moradia. É comum a circulação de mulheres com o “lenço”⁸ na cidade, apesar da maioria das entrevistadas não usá-lo. Entre eles, os libaneses falam árabe costumeiramente e usam essa estratégia, como sabemos, quando não querem que outros os entendam. Muitos dos entrevistados argumentam terem ido e/ou estarem na Região da Tríplice Fronteira por terem oportunidade de conviver com outros semelhantes, bem como por haver espaço e liberdade para exercerem suas práticas religiosas.

A institucionalização de entidades árabes e especificamente muçulmanas na região é antiga e demonstra como os libaneses não optaram por manter em âmbito privado o exercício de sua reafirmação identitária. O grupo pesquisado de Espínola⁹, em Florianópolis, optou por manter o exercício de sua religiosidade internamente às suas casas e em reuniões de naturais de seus países seguidores da religião islâmica. Prova disso é que a mesquita, melhor dizendo, o centro islâmico que possui algumas salas onde são realizadas orações, localizado no centro da cidade, foi inaugurado por brasileiros convertidos ao islã. Somente mais tarde, libaneses e palestinos dessa religião passaram a freqüentá-lo. Já o grupo de palestinos islâmicos pesquisado por Jardim¹⁰, na fronteira Brasil-Uruguai Chuí-Xuí, não usa a singularidade religiosa para exaltar a existência de uma coletividade distinta. A religião muçulmana apenas fornece alguns elementos para a criação de uma “comunidade” de palestinos do Sul, porém optam por outros recursos e estratégias para se reafirmarem. Em Foz do Iguaçu e, posteriormente, em *Ciudad del Este*, ao contrário, foram fundadas mais de uma instituição e sociedades islâmicas, todas por libaneses ou originários de outros países árabes. Alguns chegaram a contar com apoio financeiro e com a presença de representantes de países do Oriente Médio.

A maior parte de seus integrantes são de religião ou tradição muçulmana. A região do Líbano de onde advêm são de maioria religiosa islâmica e isso se reflete diretamente na comunidade da fronteira. Estima-se que 95% são muçulmanos, sendo a maior parte deles xiitas.¹¹ Foz do Iguaçu possui duas mesquitas, ambas localizadas no bairro Jardim Central,

⁸ Entre os brasileiros é comum usar o termo véu para referir-se ao *hijab*, usado por algumas mulheres muçulmanas. Entretanto, no grupo de minhas entrevistadas sempre que se referiam a ele usavam o termo lenço.

⁹ ESPINOLA, Cláudia Voigt, *op. cit.*

¹⁰ JARDIM, Denise Fagundes. *Palestinos no extremo sul do Brasil: identidade étnica e mecanismos sociais de produção da etnicidade – Chuí/RS.*

¹¹ RABOSSO, Fernando. “São ou não são? Essa não é a questão- re-enfocando a presença árabe em Foz do Iguaçu e Ciudad del Este”, p. 15. E SILVA, Regina Coeli Machado. “Reconstrução de identidades de imigrantes árabes em Foz do Iguaçu, desafios analíticos”, p. 6.

onde reside a maior parte dos libaneses que atuam no comércio brasileiro e paraguaio. O “Centro Cultural Islâmico” ou mesquita “Omar Ibn Al-Khatib”, inaugurada em 1983, é freqüentada pelos sunitas e a “Sociedade Beneficente Islâmica”, pelos xiitas.¹² Apesar de a comunidade sunita ser menor, sua mesquita é maior e construída em moldes tradicionais e, segundo alguns diretores da mesma, foi por muitos anos a maior da América Latina. É o quinto ponto turístico mais visitado de Foz do Iguaçu. Já a mesquita xiita é localizada em um prédio comercial e não tem a mesma notoriedade na cidade que a sunita. Em *Ciudad del Este* se encontra a mesquita Profeta Mohammad inaugurada na metade dos anos 90. Localiza-se em algumas salas de um edifício comercial a algumas quadras do microcentro. Foi construída por iniciativa de um comerciante local e possui caráter mais privado e individual.¹³ Segundo alguns de meus interlocutores, essa mesquita é geralmente freqüentada pelos donos de comércio na cidade que não têm tempo de voltar à Foz para fazer as orações diárias e, especialmente às sextas-feiras no horário do almoço, para a oração obrigatória da semana. Esse ponto referente à maioria religiosa muçulmana possui uma íntima relação com os hábitos e tradições diferenciadas dos libaneses nessa fronteira que contribui para seu distanciamento da população local e dos outros grupos étnicos que habitam a mesma região.

Projetos da mesquita

É possível observar que, com o passar do tempo, à medida que vão permanecendo em um país estrangeiro, os migrantes de primeira geração tendem a “perder”, em parte, elementos culturais e referências identitárias importantes de seu país de origem. Quando nos referimos à segunda geração – e às seguintes, logicamente – a probabilidade disso acontecer é ainda maior. Muitos vieram para o Brasil ainda crianças ou muito jovens e mal conhecem o país onde nasceram, ou mesmo já são naturais do território hospedeiro, tendo como referência do país de seus ancestrais apenas fotos, histórias contadas pelos mais velhos e outras referências que lhes são passadas. Nem sempre tiveram contato real, tampouco uma socialização naquele lugar, para eles, distante.

¹² CF. ARRUDA, Aline M.T. *A presença libanesa em Foz do Iguaçu – Brasil e Ciudad del Este – Paraguai*.

¹³ RABOSSI, Fernando. *Nas Ruas de Ciudad del Este: vidas e vendas num mercado de fronteira*, p. 15.

A grande preocupação dos pais e de lideranças da colônia é exatamente com a perda de valores e referências oriundos da terra natal dos migrantes – no caso, o Líbano – por parte das gerações seguintes. Ainda que tenham consciência de que não é possível manter, completamente, valores, referências, identidades e demais marcos históricos da nação de origem, os migrantes buscam, com algumas ações e medidas, manter suas tradições e cultura, minimamente, para que, ainda que inseridos no contexto nacional brasileiro, tenham conhecimento de sua terra natal.

Fatores como a grande concentração de libaneses na região e a enorme influência do grupo no local¹⁴, dentre outros, permitiram a viabilização de projetos que enfocassem a manutenção de valores e pontos culturais muito específicos de seus países. Adiante, apresentar-se-ão dois universos em que é possível ver essa preocupação e as iniciativas para que referenciais religiosos e da língua sejam transmitidos aos descendentes da migração. São as atividades desenvolvidas pela Mesquita e pelas escolas direcionadas às crianças árabes.

Segundo o *Sheik* brasileiro, as principais atividades realizadas na mesquita hoje são: as 6 orações diárias, as aulas ou conselhos após as orações diárias, a oração de sexta-feira, o encontro de jovens sábados à noite, os campeonatos esportivos, os grupos de memorização do Alcorão para crianças e a recepção de grupos de turistas que vêm conhecer o templo.

A oração de sexta-feira, às treze horas, é obrigatória apenas para os homens e reúne de 150 a 200 pessoas. É realizada logo após a “oração do meio dia” e o *Sheik* profere um sermão mais prolongado que dura cerca de 30 minutos. O encontro dos sábados à noite, normalmente direcionado aos jovens, é aberto não apenas para os muçulmanos, mas também é voltado para aqueles que querem conhecer um pouco mais a respeito do islã. Segundo o próprio *Sheik*, vez ou outra, algum jovem leva amigos para conhecerem a sua religião.

As aulas de memorização do Alcorão são oferecidas, especialmente, para as crianças, no intuito de que, desde cedo, já iniciem a compreensão da religião islâmica, com seus pilares e obrigações, bem como possam conhecer as palavras do Profeta Mohamad.

¹⁴ Pode-se dizer que a comunidade libanesa é uma das mais influentes na região especialmente pelo alto poder aquisitivo que possui. A maior parte dos libaneses residentes nessa fronteira é composta por donos de comércios de importados no lado paraguaio e de grandes e tradicionais lojas populares no lado brasileiro. É importante, assim, ressaltar que o comércio é a principal atividade econômica da região. Em *Ciudad del Este* encontra-se o terceiro maior centro comercial de importados do mundo que abastece as principais feiras e camelôs do Brasil e de todos os países vizinhos da América Latina tais como Argentina, Bolívia, Chile etc.

Escolas

Um dos ambientes que proporcionam a socialização de crianças certamente é a escola. A interação com outras crianças, bem como as disciplinas ministradas dizem muito a respeito dos códigos que regem uma sociedade. Em Foz do Iguaçu existem duas escolas direcionadas às crianças de origem árabe: a “Escola Árabe Brasileira” e a “Escola Libanesa Brasileira”. É um dos maiores orgulhos da comunidade que, assim, mostra como tem força e coesão, apesar disso não se mostrar em outros aspectos, como o político. A todo o momento é ressaltada pelas lideranças e pelos libaneses que têm filhos em idade escolar a importância de aprenderem o árabe como disciplina obrigatória em uma escola com grade curricular nos padrões estabelecidos pelo Ministério da Educação brasileiro. Majoritariamente, as famílias Libanesas dão preferência para que suas crianças estudem nesses colégios.

Segundo a professora de língua árabe da Escola Árabe Brasileira, a mais antiga entre as que hoje lecionam na escola atuando há 10 anos, o estabelecimento foi inaugurado no início da década de 90, funcionando apenas como uma escola de língua árabe por muitos anos. Mais tarde, passou a funcionar como escola com séries primárias, com turmas de maternal e jardim de infância. Apenas em 1999 abriu turmas de ensino regular, com turmas de ensino fundamental a partir da 1ª série.

A escola é aberta a toda a comunidade, mas a maior parte dos alunos matriculados são filhos descendentes de libaneses muçulmanos. Dos cerca de 300 alunos hoje matriculados, foi mencionada a presença de apenas um descendente de família cristã e cerca de 5 ou 6 que não possuem ascendência de algum país árabe. Relataram também não haver criança que resida em *Ciudad del Este* e estude na escola.

A Escola Libanesa Brasileira se localiza no Bairro Jardim São Paulo, mais afastado do Jardim Central, onde se concentra a residência da maior parte dos libaneses da cidade, bem como do Jardim Jupira e do Centro da cidade, onde vários edifícios são habitados apenas por árabes. Segundo dados do “Perfil da População de Foz do Iguaçu de 2003”, disponibilizado pela Prefeitura da Cidade, contava com 530 alunos. Oferece também apenas o ensino fundamental e foi reconhecida pelo Ministério da Educação e pelo Governo do Estado do Paraná apenas a partir de 2004. A administração dessa escola também é particular, feita pelo proprietário, um libanês xiita, e por diretoras e coordenadoras brasileiras, de modo que se adapte às exigências nacionais. Apesar da distância da residência da maior parte dos meus entrevistados, muitos deles optaram por matricular

seus filhos nessa escola. Alguns por serem xiitas, outros, mesmo sendo sunitas, argumentaram que o ensino é mais satisfatório nessa.

O ensino do idioma árabe é uma forma de sistematizar o conhecimento prévio que alguns já possuem em suas casas, bem como de proporcionar uma familiarização com o idioma recorrente na religião muçulmana e mencionado como o de seus antepassados, o “árabe clássico”. Colocá-lo como disciplina obrigatória, juntamente com a língua portuguesa, permite que os alunos tenham um conhecimento de algo que pertence tanto à cultura libanesa, ou árabe, quanto à origem de seus pais e avós. As aulas de ensino religioso, por trazerem princípios da religião muçulmana, se diferenciam da maior parte das escolas brasileiras, que enfocam o cristianismo.

Nota-se, portanto, que a liberdade de exercício da religião garantida pela legislação internacional e pelo artigo 5º da Constituição Brasileira, permite que esses imigrantes usem de suas práticas para reafirmarem sua identidade. Isso não quer dizer que a interação com outros grupos étnicos não exista, pelo contrário, ela é extremamente intensa. Como já mencionado, a própria atividade econômica mais desenvolvida no local, o comércio, conta com a participação da maior parte dos membros da comunidade libanesa. Essa atividade, por si só, garante uma interação constante e até uma dependência de brasileiros e paraguaios, os maiores consumidores da região. A maior parte dos funcionários também são destas últimas nacionalidades, portadores de hábitos, costumes e valores bastante diversos; entretanto, interagem diretamente com libaneses. Não se pode dizer, também, que preconceitos e divergências não existam; pelo contrário, as tensões são constantes.¹⁵ Porém, a garantia do exercício da religiosidade e das tradições ameniza a intolerância. Essas trocas culturais e de tradições propiciam modificações em todos os grupos, mas isso não impede que as diferenças tenham espaços para serem exercidas e respeitadas.

Bibliografia essencial

ARRUDA, Aline M.T. *A presença libanesa em Foz do Iguaçu – Brasil e Ciudad del Este – Paraguai*. Dissertação (Mestrado do Centro de Pesquisa e Pós-Graduação sobre as Américas) – Universidade de Brasília, março de 2007.

E SILVA, Regina Coeli Machado. “Reconstrução de identidades de imigrantes árabes

¹⁵ Sobre isso consultar: ARRUDA, Aline M.T. *A presença libanesa em Foz do Iguaçu – Brasil e Ciudad del Este – Paraguai*.

em Foz do Iguaçu, desafios analíticos”. Trabalho apresentado na 25ª Reunião da Associação Brasileira de Antropologia (ABA). Goiânia, 11-14 de junho de 2006.

ESPINOLA, Cláudia Voigt. *O véu que (des)cobre: etnografia da comunidade árabe muçulmana em Florianópolis*. Tese (Doutorado em Antropologia Social) – Universidade Federal de Santa Catarina, 2005.

JARDIM, Denise Fagundes. *Palestinos no extremo sul do Brasil: identidade étnica e mecanismos sociais de produção da etnicidade* – Chuí/RS. Tese (Doutorado PPGAS) – UFRJ, 2000.

MARINUCCI, Roberto. “Religião, alteridade e Migrações: a estrangeiridade como caminho de encontro. *REMHU – Revista Interdisciplinar de Mobilidade Humana*, v. 15, n. 28, 2007, p. 87-105.

RABOSSI, Fernando. *Nas ruas de Ciudad del Este: vidas e vendas num mercado de fronteira*. Tese (Doutorado em Antropologia Social) – Universidade Federal do Rio de Janeiro, 2004.

_____. “São ou não são? Essa não é a questão – re-enfocando a presença árabe em Foz do Iguaçu e Ciudad Del Este”. No prelo a ser publicado em: AMAR, Paul; PINTO, Paulo Gabriel (org.). *Middle East in Brazil*.